



**O programa de ninho de língua māori:
vozes da revitalização linguística e cultural em Aotearoa, Nova Zelândia¹**

Marcus Maia (UFRJ/CNPq)

Marcia Nascimento (UFRJ/CNPq)

Chang Whan (Museu do Índio, RJ)

R e s u m o : Este artigo apresenta entrevistas com cinco professores Māori que têm estado diretamente envolvidos com a educação Māori por muitos anos. Eles apresentam suas idéias e práticas sobre *Kohanga Reo*, o programa bem sucedido de ninho de língua, que tem sido fundamental para a revitalização e regeneração da língua Māori, na Nova Zelândia e também sobre *Kura Kaupapa*, o programa Māori de educação primária e secundária.

P a l a v r a s - c h a v e : ninho de língua Māori, línguas ameaçadas, revitalização de línguas.

A b s t r a c t : This article features interviews with five Māori teachers who have been directly involved with Māori education for many years. They present their ideas and practices concerning both *Kohanga Reo*, the successful language nest program which has been key for the revitalization and regeneration of the Māori language, in New Zealand, and *Kura Kaupapa*, the Māori primary and secondary education program.

Key words : Māori language nest, language endangerment, language revitalization.

I. Introdução

Este artigo apresenta o programa de educação infantil Maori conhecido como *Kohanga Reo* “ninho de língua”, o *Kura Kaupapa* Māori, programa de educação fundamental e médio, em desenvolvimento em Aotearoa², Nova Zelândia, discutindo também outras questões relacionadas a manutenção e revitalização da língua, através das vozes de cinco professores da etnia Māori, que têm estado diretamente envolvidos com a educação Māori por muitos anos. Como geralmente acontece nos empreendimentos de colonização ao

1 Os tres autores visitaram Nova Zelandia durante o segundo semestre de 2017, no âmbito de um acordo acadêmico entre a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e a Massey University (MU). Marcus Mais, professor de Linguística na UFRJ, esteve como pesquisador visitante (honorário) no Departamento de Linguística da escola de Humanidades, entre agosto e dezembro de 2017, como bolsista CAPES. Márcia Nascimento desenvolve um pós-doutorado sobre programas de ninho de língua, como bolsista CNPq, sob a orientação do professor Marcus Maia. Chang Whan é Antropóloga cultural no Museu do Índio, Rio de Janeiro, Brasil. A equipe tem um blog em que estão documentadas várias visitas a escolas e outras instituições Māori: <https://maia81.wixsite.com/viagem-a-aotearoa>

² Aotearoa é o nome original em Māori para Nova Zelândia, que significa “a terra da grande nuvem branca”.

redor do mundo, a educação e mesmo o cuidado com a criança indígena dificilmente estão entre as preocupações dos colonizadores. Este é também o caso do Brasil, e Aotearoa, Nova Zelândia, não é exceção. Embora a colonização da Nova Zelândia pelos britânicos tenha se dado dois séculos mais tarde do que a colonização do Brasil pelos portugueses, a invasão das terras, a conversão missionária, as políticas coloniais de assimilação, que incluíam punição se as crianças falassem suas línguas nativas, foram rotinas em ambos os países, o Brasil e a Nova Zelândia.

Uma diferença importante entre esses dois países, relacionada aos seus povos indígenas, deve ser notada, no entanto. Enquanto que, no Brasil, os direitos indígenas foram oficialmente reconhecidos somente na constituição de 1988, na Nova Zelândia, o *Te Tiriti o Waitangi*, o Tratado de *Waitangi* foi assinado já em 1840. A despeito de haver reconhecido o estabelecimento do governo Britânico na Nova Zelândia, o tratado de *Waitangi* também instituiu claramente que os Māori iriam manter absoluta autoridade sobre suas terras e posses, incluindo suas heranças intangíveis, representadas pela língua, valores culturais, crenças e prática espirituais. No entanto, ambos os documentos têm sido avaliados como não tendo ainda cumprido todas as suas cláusulas. Ainda assim, os povos indígenas brasileiros, de modo geral, reconhecem que a constituição de 1988 tem promovido avanços na demarcação de terras e na educação indígena bilíngue. Da mesma forma, na Nova Zelândia, o tratado de *Waitangi* é também reconhecido como o documento fundador de *Aotearoa*, apesar de ter sido somente depois da II Guerra Mundial que a educação para as crianças Māori começou a ser considerada como uma real prioridade³.

Durante as décadas de 1970 e 1980 as questões sobre educação infantil ganharam impulso na Nova Zelândia, tanto entre os Māori quanto entre os *Pakeha* (pessoas brancas). As tribos Māori ao longo de toda a Nova Zelândia estavam muito preocupadas sobre a perda de sua língua e de seus valores culturais. Então, iniciam o movimento *Kohanga Reo* (ninho de língua), visando a revitalização da língua e da cultura através da transmissão intergeracional para as futuras gerações. Conforme avaliado no documento *Aims*, produzido pelo *Te Kohanga Reo National Trust* em 2003, o programa *Kohanga Reo* iniciou com dois principais objetivos, a saber, que crianças aprenderiam *Te Reo*, a língua Māori, e também os valores culturais Māori, incluindo a dimensão espiritual, através da imersão total, e que o aprendizado da língua e da cultura seria promovido e apoiado pela *whanau*, a família estendida.

Um currículo de educação infantil chamado *Te Whariki*, foi então desenvolvido com base em quatro princípios: (i) *whakamana*, empoderamento das crianças para aprender e crescer, (ii) *kotahitanga*, desenvolvimento holístico, (iii) *whanau tangata*, família e comunidade são parte integral do currículo, e (iv) *nga hononga*, a aprendizagem é produto das relações entre as crianças e pessoas, lugares e coisas.

Berardi-Wiltshire, Petrucci & Maia (2015), apresentaram alguns dos princípios da educação Māori. Maia & Berardi-Wiltshire (2015) entrevistaram Hinurewa Poutu,

³ O Tratado de *Waitangi* não foi reconhecido na legislação da Nova Zelândia até 1975. Indivíduos Māori poderiam solicitar indenização por violações do Tratado após 1975. Em 1985, as indenizações só poderiam ser solicitadas por violações após 1840.

ECO-REBEL

uma linguista que é membro da comissão da língua Māori. No presente artigo, vamos aprender com mais detalhe sobre as *kohanga reo* e as *kura kaupapa*, as escolas de educação infantil e de ensino fundamental e médio que trabalham com métodos de imersão de crianças na língua e cultura Māori, através das vozes de cinco professores Māori que têm estado diretamente envolvidos com os programas de educação Māori por muitos anos: Toni Waho, Branda Soutar, Manu Kawana, Dianne Pomare and Kiriana Hakopa. Apresenta-se, a seguir, aspectos selecionados das entrevistas que eles nos concederam em Palmerston North e em Auckland, Nova Zelândia, no mês de outubro de 2017.

II - Toni Waho



Picture 1 – Toni Waho

Toni Waho é hoje professor na escola de Humanidades e Ciências Sociais da Universidade Massey. Ele foi um dos fundadores da *Mana Tamariki* e o diretor dessa escola por vários anos. Foi um líder do movimento *Kohanga Reo* e *Kura Kaupapa* e trabalhou junto à Agência Central *Te Puni Kokiri* e ao Ministério da Educação, desenvolvendo e analisando políticas educacionais.

Marcus Maia: Toni, eu gostaria de começar a entrevista pedindo para você nos contar sua história linguística.

Toni Waho: Minha primeira língua é o Inglês. Eu sou um falante nativo de inglês altamente fluente. Meu pai era Māori e minha mãe *Pakeha* (não índio). A família dela tem vínculos com a Inglaterra, com o País de Gales e com a Escócia, e eles têm estado na Nova Zelândia por seis gerações, são uma família pioneira muito antiga. Minha área tribal está localizada no centro da Ilha Norte da Nova Zelândia, a região da Montanha *Ruapehu*. No entanto, eu fui criado longe da minha casa tribal. Nós íamos lá em torno de três vezes ao ano, mas eu fui criado mesmo em um ambiente urbano. Quando criança, somente na casa de minha avó, eu ouvia a língua Māori. Ela foi criada como falante de Māori. Meu bisavô e minha avó falavam somente Māori entre eles. Meu próprio pai falava somente Māori até ele ir para a escola. Muitas pessoas daquela geração e das gerações anteriores, como você deve ter ouvido, eram espancados na sala de aula ou no *playground*, se

falassem Māori. Quando minha avó estava em idade escolar, ela escutou falar disso e se recusou a ir à escola. Isso foi no ano de 1920 e já era ilegal, naquela época, manter uma criança afastada da escola. De vez em quando, o diretor vinha com a polícia na casa dela para levá-la para a escola. Então, no primeiro e único dia que ela foi para escola, ela foi espancada por falar Maori! Então ela voltou correndo para casa e nunca mais voltou para a escola. Assim, ela teve uma educação ocidental muito limitada, mas os pais dela aceitaram que ela não teria mais que ir à escola.

Marcus Maia: Então, Toni, o Māori foi a sua segunda língua?

Toni Waho: Minha segunda língua foi o francês. Eu nasci em 1961, e quando eu tinha 12 anos, eu comecei a estudar francês. Eu queria ser advogado e por razões acadêmicas eu precisava ter uma segunda língua, mas naquela época o Māori não era oferecido nas escolas. Se fosse oferecido, eu provavelmente teria estudado. O francês era considerado aqui no nosso país como a melhor língua depois do inglês. A terceira melhor língua era o alemão e, com o tempo, o japonês entrou para competir com o francês e o alemão.

Marcus Maia: O Māori nem sequer estava na competição!

Toni Waho: Nem na competição. Eu estudei francês por cinco anos na Nova Zelândia através do método áudio-lingual e, então, fui para a British Columbia, Canadá, como estudante de intercâmbio. Lá, eu tive uma experiência de imersão em francês ensinado por professores quebequenses e eu me tornei falante fluente desta língua. **Marcus**

Maia: Então, como você aprendeu Māori?

Toni Waho: Eu tive, sempre tive, no entanto, um profundo respeito pela minha herança Māori. Nós costumávamos ter uma tradição de que o filho mais velho em todas as famílias fosse dado para os avós. Mas na geração do meu pai essa tradição tinha começado a mudar. Assim, hoje, meu filho não me deu seu filho e minha filha, que ainda está para ter filho, não vejo ela dando para nós, avós, o futuro filho dela. Essa tradição é raramente mantida viva pela maioria das pessoas da minha geração.

Chang Whan: Havia uma explicação para esse costume tradicional de dar filhos aos avós?

Toni Waho: Era uma garantia, uma garantia de que os valores seriam passados intergeracionalmente. O filho mais velho era o líder da família. Então os anciãos teriam certeza de que as pessoas da nova geração receberiam o que eles chamam de *mana*. E isso inclui a língua.

Marcus Maia: Bem, este costume acabou sendo usado mais tarde nos *kohanga reo*, os programas de ninho de língua, certo?

Toni Waho: Como um conceito, sim. Nos *kohanga reo*, as crianças são sistematicamente expostas a avós não biológicos, sem parentesco biológico.

Marcus Maia: Então, como você finalmente aprendeu a língua Māori?

Toni Waho: Quando eu estava no Canadá, eu decidi que quando eu voltasse para a Nova Zelândia, eu iria “mergulhar de cabeça” no Māori. Meus pais separaram-se e, na verdade, eu não tinha nem mais uma casa para voltar. Meus avós, que eram falantes nativos, ainda estavam vivos e eu então fui morar com eles. Assim, eu comecei a aprender *Te Reo* Māori quando eu já estava com 20 anos. Curiosamente, além da minha avó, minha primeira professora de Māori foi Mary Boyce, uma professora áudio-lingual não Māori que é hoje

uma linguista de destaque aqui na Nova Zelândia. Ela foi uma professora maravilhosa e falante muito fluente de Māori. O marido dela era Māori e eles criaram os filhos deles falando Māori. Então eu fui para a Universidade de Victoria, em Wellington. Eu tive um tio tribal (por parentesco tribal) que conhecia minha família muito bem e que tinha estado muito tempo com o meu bisavô, a quem eu me referi antes, e que estava vivo quando eu era garoto. Meu bisavô foi um dos anciãos sobreviventes na época quando a língua quase desapareceu. Então, ele me tomou sob suas asas e me ensinou durante três anos. Por causa da minha experiência de imersão com o francês, no Canadá, eu encorajei ele a tornar suas aulas em aulas de imersão. Naquele momento ele acabou se tornando um dos principais membros do movimento *Kohanga Reo*. Na mesma época, *Te Ataarangi*, o programa de imersão Māori tinha, também, começado.

Marcus Maia: Quando foi isso?

Toni Waho: Isso foi no início dos anos oitenta. Em 1985, eu saí da Victoria. Eu mudei de Direito para Línguas & Cultura. Na mesma época, minha parceira de longa data e eu decidimos ter filhos e falar somente em Māori com as crianças. Ela tinha um pai falante nativo, que ainda está vivo. Então nós decidimos criar nossos filhos falando somente Māori com eles. Nós percebemos que precisávamos recuperar a língua para a próxima geração. Dez anos depois eu encontrei o linguista Joshua Fishman e ele se tornou meu guru (risos). Na verdade, o que temos feito esses anos todos no ninho de línguas *Mana Tamariki* foi baseado nele.

Marcus Maia: Qual foi o papel do Joshua Fishman?

Toni Waho: Como você sabe, Fishman é o criador da escala de transmissão intergeracional para línguas ameaçadas, o GIDS, que é um quadro avaliativo de 8 níveis de ameaça linguística. Ele avalia a vitalidade e a morte de línguas, usando níveis de magnitude, como a escala de Richter é usada para medir um terremoto. Portanto, no nível 8, se o “terremoto” dizimou a língua haveria escombros com muito pouca língua em uso, mas se você está no estágio 6, há ainda língua em uso na comunidade. Então você pode ainda garantir que a língua seja transmitida intergeracionalmente. O GIDS foi muito importante para o que nós fizemos aqui. Antes disso, nós tínhamos já começado o programa *Kohanga Reo*, tivemos a primeira escola, *Manawatu*, e então nós criamos a segunda *Kohanga Reo* aqui, *Mana Tamariki*. Nós afirmamos: não importa se a língua não está nos lares, tudo bem, porque nós criamos os falantes nas escolas.

Chang Whan: Isso deve ter sido um momento desafiador, não foi?

Toni Waho: Ah, sim! Nós até fomos um pouco arrogantes (risos)... Nós tínhamos sotaque, não éramos falantes nativos! Mas quem se importa?! Porque se nós não fizéssemos, quem mais faria? Quando eu fiz a pesquisa para obter minha pós-graduação eu voltei e lembrei dessa época anterior e concluí que foi o certo a fazer. E não foi somente eu, claro. Assim como minha parceira e eu decidimos criar nossos filhos falando Māori, muitos outros casais fizeram isso também. Brenda Soutar e Milton Rahihi, fizeram exatamente o mesmo, como fizeram muitos outros. Nós nem sequer discutimos muito a questão, apenas fizemos! Nós, então, abrimos uma outra escola em 1995. Nós levamos dois anos para ajustar conceitualmente nosso pensamento para planejar como conduziríamos a organização do programa partindo de nós, professores, sendo a única

fonte da língua, para os pais e professores trabalhando em modelo de parceria. Decidimos, então, que só aceitaríamos crianças que tivessem, pelo menos, um dos pais falando somente Māori com elas. Se quiséssemos crianças com ambos os pais falando Māori, como era o caso da minha parceira e eu, Brenda e Milton, talvez não houvesse crianças suficientes aqui. Assim, fizemos isso.

Marcia Nascimento: Quanto tempo levou essa transição?

Toni Waho: Levamos dois anos para mudar essa política através do movimento *Kohanga*. Agora eu penso que dentro de uns dez anos todas as famílias no Mana Tamariki terão ambos os pais falando estritamente só Māori com suas crianças. Então, essa é a história.

Chang Whan: Quando você se tornou diretor da *Mana Tamariki*?

Toni Waho: Foi em 1996 e eu renunciei há cerca de um ano por causa da minha saúde. Há cinco anos atrás a minha escola já tinha me dado permissão para eu vir para a Universidade Massey, Instituto de Estudos Māori, para ajudar a construir o programa de formação de professores, onde eu trabalho agora.

Marcus Maia: Então, resumindo em poucas palavras, por que o programa ninho de língua *Kohanga Reo* foi tão bem sucedido em sua opinião?

Toni Waho: Bem, foi o que eu disse, os anciões falantes nativos interagem regularmente com os não falantes *mokopuna*, as crianças. Isso faz sentido. Não tem como não conseguir!

Marcus Maia: Quais são os desafios que você vê que ainda precisam ser enfrentados?

Toni Waho: Bem...hum... Você sabe o que a palavra *zealot* significa? Alguém extremamente apaixonado a ponto de loucura... (risos). Nós não temos o suficiente deles agora! Eu tenho 56 anos agora, eu tenho feito isso ao longo de trinta anos e eu sinto... é isso aí... Nós tentamos transmitir isso, mas... Eu simplesmente não consigo ver essa loucura mais. O *zealot*, a paixão lunática. Você vê, o que as pessoas têm feito... Não só com o Māori. Tem o cara Gaulês que entrou em greve de fome. Ben Yehuda, o linguista que reconstruiu o Hebraico Moderno. O Hebraico foi retirado do Torah e tomado para ser a língua franca em Israel. É a língua nacional. Você sabe, aquele alto nível de compromisso e paixão.

Marcus Maia: Você não vê mais isso aqui?

Toni Waho: Não, não vejo. Mas eu ainda me sinto confiante de que sempre haverá um grupo que serão os guardiões da língua. O mundo Māori tende a acreditar que está tudo bem, por causa de todos esses programas, o *Kohanga Reo*, o *Kura Kaupapa*, o programa de formação de professores. E também por causa da rádio Māori e dos canais de televisão na língua. Tudo bem, mas se olharmos para trás, o GIDS, em termos dessa escala, nós não estamos ainda no nível 6, em que a língua está bem viva na comunidade. Nós fomos ao 4 por causa da escola. Depois fomos a 4-5 com a alfabetização e até a 2 com a televisão e o sistema de rádio, de acordo com a escala GIDS. Para chegar no nível 1, mesmo se tivéssemos pressionado como o inferno, para levar a língua até o parlamento, não conseguiríamos completamente. Assim, hoje, no nível da administração pública, você ainda não pode ter sua vida administrada na língua Māori, de qualquer forma. Eu não posso tirar minha carteira de motorista em Māori, eu não posso registrar o nascimento do

meu filho em Māori, eu não posso funcionar na administração pública em Māori. Agora, se você comparar com o caso Basco, eles também investiram na transmissão intergeracional, mas, ao mesmo tempo eles realizaram outras ações. Pegue a comunidade basca de Mondragón, no País Basco. Eles foram de 39 a 52 por cento de falantes e a língua está na administração pública. Há ainda aquele elemento de loucura lá! Aquela paixão, aquela loucura pela língua! Isso é o que realmente se precisa fazer, Márcia, também para a revitalização Kaingang! Ou, então, não acontece.

Márcia Nascimento: Mas a tua geração teve isso, certo?

Toni Waho: Ah, sim! Nós protestamos, marchamos, lutamos, fomos agressivos! Nós fomos radicais, mas não violentos, geralmente. Bem, algumas vezes, pode ter havido elemento de violência, mas a maioria das vezes a polícia é que foi violenta contra nós.

Chang Whan: Mas, Toni, muito se tem alcançado, há uma nova disposição mental, é o que eu sinto...

Toni Waho: Bem, isso é verdade. Algumas estatísticas mostram que temos chegado de 8% de falantes em 1979 para 26% de falantes realmente fluentes, agora. Estou falando de verdadeiros falantes fluentes, há outras estatísticas, entretanto. Mas parece que estamos caindo novamente para 21% agora. Estou falando de adultos, os números não incluem crianças. Elas ainda não estão sendo bem contadas nas estatísticas nacionais.

Marcus Maia: Existe uma tensão entre pais e professores sobre quando começar com o inglês nas escolas Māori?

Toni Waho: Bem, há tensão, mas nós temos um excelente programa de língua inglesa nas escolas. É um programa de introdução tardia, varia um pouco, mas geralmente o inglês é introduzido somente no 8º ano. Eu preferia introduzir o Inglês no 9º ano, mas os pais não querem isso. Eu preferiria mesmo no 1º ano do ensino médio, mas os pais saíam fora. Apesar de termos possivelmente os estudantes de língua inglesa mais bem-sucedidos nos exames nacionais. Eles primeiro alcançam um nível alto de proficiência acadêmica em Māori. Em seguida eles também adquirem uma proficiência formal alta em inglês, enquanto eles mantêm o seu alto nível Māori. Eu acho que é uma abordagem correta.

Marcus Maia: O que você pensa sobre a proposta de o Māori se tornar obrigatório em todas as escolas convencionais da Nova Zelândia?

Toni Waho: Essa é uma questão que divide o mundo da língua na Nova Zelândia. Não existe unanimidade. E aqueles de nós que apaixonados e lunáticos pela língua preocupam-se que tal programa absorva os já escassos recursos que os programas Māori recebem. Poderia ser benéfico para a sociedade como um todo, mas provavelmente não seria benéfico para a própria língua Māori. Existe um risco, como eu disse, pois, os já escassos recursos para os programas Māori seriam dispersados e retirados do ambiente onde a língua é efetivamente ensinada. Sou pessoalmente a favor de que todo neozelandês se sinta confortável com a pronúncia do idioma e seja em favor do seu uso, mas não que sejam obrigados a estudar a língua.

Chang Whan: O *Te Reo Māori* é ensinado como língua estrangeira opcional nas escolas convencionais?

Toni Waho: Na maioria de escolas, sim. Há, geralmente um grau de exposição ao Māori nas salas de aulas da Nova Zelândia. Depende da disposição e da comodidade do professor. Eu acredito que isso está certo. O pior é forçar alguém a fazer algo que não pode ou não quer fazer. Agora, como eu disse, o desenvolvimento de boas habilidades de pronúncia e a promoção da tolerância e respeito, claro, isso é importante. **Marcia Nascimento:** Tua geração foi a primeira no processo de revitalização?

Toni Waho: O mantra de Fishman de que “você perde a língua em uma geração, mas leva pelo menos três para recuperá-la” não tem mesmo sido alcançado aqui ainda. Digo, minha geração supostamente tem sido a geração fundamental, mas nós não éramos falantes nativos. Agora, meus filhos, a segunda geração, já são falantes fluentes de Māori, mas a terceira geração só está começando a chegar agora.

Marcia Nascimento: Eu tenho uma outra questão. Nos últimos 20 anos no Brasil, vários programas de ações afirmativas de formação de professores indígenas foram criados em muitas universidades públicas como um resultado de movimentos por parte dos povos indígenas e outras organizações. Eu gostaria de ouvir você falar um pouco mais sobre os programas de formação de professores Māori na Nova Zelândia.

Toni Waho: Vamos falar sobre os professores para os *Kohanga Reo*, programas de ninho de língua. A administração do Fundo *Kohanga Reo* é muito, muito estrita para evitar que as instituições ocidentais roubem a abordagem *Kohanga Reo*. Desse modo, eles têm seus próprios programas de formação. Claro, esses programas tiveram que ser aprovados pelo estado para obter financiamento. O *Kohanga Reo Trust* recebe em torno de cinco milhões de dólares neozelandeses por ano para formar seus próprios professores. Quando eu era administrador, tivemos cerca de quatrocentos formandos nos programas de formação de professores. Os programas eram todos projetados em torno do currículo *Kohanga Reo* e baseados em nossa abordagem para revitalização e recuperação da língua. A língua tem que ser revitalizada e recuperada através da transmissão. Na *Mana Tamariki* nós não enviamos candidatos a professores para outros programas de formação. Temos escolhido outros caminhos. É o que eu tenho a dizer. No meu país, temos sete principais universidades, muitas faculdades e instituições técnicas e temos cerca de trinta ou trinta e poucos programas de formação. Nós temos quatro Māori *Wananga* (prestadores de educação superior gerenciados pelos Māori, uma delas é a Universidade tribal na Baía de *Plenty*. Tem também o *Te Wananga o Aotearoa*, que é nacional. E ainda o programa de formação de professores, que atende somente na região de Auckland. Temos o nosso programa aqui no Māori *Studies*, na Universidade *Massey*, que costumava ser um programa de quatro anos, mas está se tornando um programa de três anos, começando no próximo ano. Para entrar no programa de graduação, os candidatos são avaliados pela sua proficiência na língua, através de entrevistas e trabalhos escritos e, claro, eles têm que atender a todos os critérios da universidade. Mari Ropata-Te Hei e Anahera Bowen têm feito o trabalho de revisar e adaptar o programa de quatro anos para o programa de três anos que está para começar.

Marcia Nascimento: E sobre o programa de pós graduação aqui na Massey?

Toni Waho: O programa de pós-graduação, de que eu fui o principal reformulador, está novinho em folha, este ano, é um programa de um ano e os estudantes, para serem aceitos,

precisam ter uma graduação e serem altamente proficientes em Māori. No entanto, o desafio real para nós agora na formação de professores é o de especializar professores para o nível secundário. Estamos indo muito bem na formação de professores relativamente bons para o nível fundamental, temos feito muito trabalho na área da primeira infância e para as crianças pequenas, mas ainda temos a fazer na área secundária. E também, claro, para formar gente para nos substituir, em algum tempo.

Marcus Maia: Em 2015, eu visitei a *Te Wananga O Raukawa*, a universidade Māori em Otaki, e eu conversei com um dos ancião que fundou a universidade, Whatarangi. Falamos sobre compartilhar a experiência de sucesso de revitalização e recuperação do Māori, como você diz. O que você pensa sobre essa ideia de compartilhar esta experiência com outros povos indígenas do mundo?

Toni Waho: Nós temos que fazer! Falando sobre ecolinguística, a parte eco significa que precisamos preservar ou perder. Em *Aotearoa*, Nova Zelândia, nós temos perdido o ambiente ecológico onde nossa língua se desenvolveu. Não vivemos como costumávamos viver tradicionalmente, claro. Ainda somos Māori, mas temos perdido a nossa ecologia, nosso ambiente natural. O que é triste, mas temos que viver com isso. Agora, olhe a Amazônia, olhe o que está ocorrendo com os povos tribais lá. Muitos têm sido ameaçados e até assassinados na defesa de suas terras. Está tudo relacionado, a perda da terra, a perda das pessoas, a perda do ambiente, a perda da língua e da cultura. É importante ajudar e muitos de nós ainda estamos atrasados, nos dando conta da enormidade da tarefa. É global. E requer um esforço global para salvar o globo.

Marcus Maia: Você teria algo mais para acrescentar a esta entrevista?

Toni Waho: Você vê a possibilidade de trazer professores indígenas do Brasil para cá, no futuro? E vice-versa? Seria algo realmente importante de se desenvolver num futuro próximo. Marcia, eu acredito que seu povo, o Kaingang do sul do Brasil, deve estar no estágio 6 na escala de Fishman. Você deve preservar esse estágio 6. Sustente esse 6. Conecte aquelas crianças não falantes de Kaingang com os velhos falantes. Tente manter a língua nos lares, este é o seu desafio.

III – Brenda Soutar



Picture 2 – Brenda Soutar

Brenda Soutar é uma liderança no *Mana Tamariki*, um importante ninho de língua urbano na cidade de Palmerston North. Além de ser uma professora e a atual diretora no *Mana Tamariki*, Brenda foi membro da equipe de redação para atualização do *Te Whāriki*, o currículo *Kohanga Reo*.

Marcus Maia: Kia Ora, Brenda! Gostaria de começar pedindo para você nos contar sobre sua história, sua história linguística e sua carreira.

Brenda Soutar: Kia Ora! Eu sou filha de dois pais falantes nativos de Māori. Ambos os meus pais cresceram em suas áreas tribais, com os velhos, muito ligados a quem eram. Quando eles nos tiveram, no entanto, nós fomos parte de uma geração Māori que foi criada falando inglês, por pais falantes nativos! Eu estive recentemente falando com o meu pai sobre isso, porque minha mãe faleceu. Tem sido bastante interessante saber que eles nunca tomaram uma decisão formal, eles não falaram sobre isso ou discutiram, foi simplesmente tão natural e normal para eles quando eles nos tiveram. Eles nasceram na década de 1930 e, nas décadas de 50 e 60 quando começaram a nos educar com o inglês como nossa primeira língua, não entrou na mente deles que eles podiam falar sua primeira língua para nós. Isso mostra como falar inglês acabou se tornando a regra num período de apenas três décadas. E esse foi o caso em todo o país. Mas a sorte foi que meus pais cresceram na areal tribal deles em regiões rurais do país, eles eram muito ligados ao que eram, então eles nos passaram isso. E os seus valores eram os valores Māori, que nós vivemos. Assim, embora a língua fosse o inglês, nós provavelmente crescemos com um ouvido razoável para o idioma, compreendendo uma quantidade razoável de Māori, e sabendo como se comportar em situações da cultura Māori. Houve muitas pessoas na minha geração que foram já, na verdade, a segunda geração de pessoas que perderam a língua, então eu penso que, por um lado, tivemos muita sorte e não tenho raiva disso e não culpo meus pais por isso. Eu sei que foi o resultado das circunstâncias históricas da época. Dessa forma, quando decidimos nos tornarmos professores, para formar professores, o movimento *Kohanga Reo* tinha apenas começado na Nova Zelândia e eu estava lutando através de uma faculdade convencional de formação de professores, não por causa do trabalho acadêmico, mas porque era muito difícil perseguir qualquer coisa que pudesse ser importante para ser Māori. Naquele tempo era muito difícil ter uma colocação na escola de imersão Māori, como era também difícil obter lugar nos ninhos de língua. As faculdades de formação de professores aqui não chegaram a um acordo sobre como os tópicos acerca dos estudantes Māori poderiam alimentar seus programas. Então eu fiquei muito desanimada e saí depois de cursar dois terços da minha qualificação e fui trabalhar logo em um ninho de língua Māori. Eu realmente tive sorte, porque no primeiro ninho de língua que eu trabalhei havia três mulheres Māori que eram falantes nativas, que também trabalhavam lá. Eu convivi muito com elas durante um ano. Nem tudo foi perfeito nisso. Lutei com algumas das práticas que realmente não combinavam com os valores com os quais fui criada. Contudo, elas falavam Māori o tempo todo entre elas lá. Então eu estava imersa na língua e isso realmente alavancou o meu *Te Reo Māori*. Então, quando meu parceiro e eu tivemos nosso primeiro filho, eu estava suficientemente confiante com a língua. Então, quando entramos em contato com algumas outras famílias que falavam apenas Māori com seus filhos, eu já sabia Māori suficientemente para

ECO-REBEL

assumir o desafio de também criar meus filhos falando somente Māori até os cinco anos de idade. Mas quando eles foram para a escola eles tiveram que falar somente inglês. Na Nova Zelândia, naquela época, havia castigo físico se as crianças falassem Māori nas escolas. Mas eles sempre mantiveram uma boa compreensão da língua e da cultura. Desse modo, embora o meu parceiro Milton não tenha sido criado falando Māori ele sempre esteve muito confortável nas situações Māori, ele sempre foi muito pé no chão, ele sabia quem ele era, ele sempre foi conectado com as terras de sua tribo, ele entendeu os valores. Então foi assim como tudo começou, alguém que não falava nada de Māori e eu que falava alguma coisa. Mas mais importante foi o nosso desejo de fazer e o nosso forte comprometimento. Assim, desde o primeiro dia, nós falamos somente Māori para os nossos filhos. Nós criamos nossos filhos falando somente Māori com eles e entramos em contato com outras pessoas fazendo o mesmo e juntos estabelecemos a *Mana Tamariki* na cidade de Palmerston North, como um *Kohanga Reo*, um ninho de língua. Abrimos as portas para todos os outros na comunidade no ano de 1990.



Imagem 3 - Ninho de língua e escola fundamental Mana Tamariki em Palmerston North, NZ

Marcus Maia: Brenda, a Mana Tamariki é agora um verdadeiro modelo de uma *kohanga reo* e escola de imersão. Você poderia falar um pouco mais sobre a fundação deste maravilhoso ninho de língua, naquele tempo, quase trinta anos atrás? Como foi o começo da história?

Brenda Soutar: Então, no começo, havia um núcleo de pessoas que estavam comprometidas, e Milton e eu éramos parte desse grupo. Havia quatro de nós que se tornaram de fato os fundadores, dois casais. Nós, realmente, não possuíamos qualificação oficial para atuar junto à primeira infância. Estávamos pensando, inicialmente, mais em termos de um lugar onde as nossas crianças pudessem sentir-se seguras e amadas e convivendo naturalmente com sua própria língua, tradições e cultura. Na época, houve muito pouco financiamento, mas havia muita vontade e fé mobilizando a todos nós. E, então, aprendemos sobre sociolinguística. Também começamos a aprender sobre bons princípios de educação infantil. Nosso desafio foi como criar um ambiente que pudesse manter as crianças motivadas e interessadas. Também aprendemos a partir da sociolinguística, sobre a importância da família para a recuperação e regeneração da língua.

Marcus Maia: Foi naquela época que você conheceu o sociolinguista Joseph Fishman?

Brenda Soutar: Sim, em 1995, nossa escola já tinha sido estabelecida como uma escola em casa e ao ampliá-la, nós tomamos a decisão de que pelo menos um dos pais tinha que falar somente Māori com suas crianças em casa, durante o tempo de sua educação na *Mana Tamariki* e, esperançosamente, por toda a vida. Então, formamos uma comunidade que operava na língua Māori. Eles acordavam em Māori, passavam o dia todo na escola em Māori e depois iam para casa e dormiam em Māori. Naquele tempo, durante aquele período, um outro casal fundador Penny Poutu e Toni Waho viajou para o exterior e, nessa viagem eles conheceram e se envolveram com os linguistas Joshua Fishman e Bernard Spolsky. Fomos, então, capazes de aprofundar nosso pensamento sobre nossos projetos. Começamos a desenvolver essa relação e eventualmente a Universidade Massey sediou uma conferência, e Fishman veio participar. Nos pediram para ser seus anfitriões em nome do Instituto Maori lá na Massey. Então Fishman e sua esposa vieram e conheceram a comunidade inteira. Bernard Spolsky, um linguista da Nova Zelândia, também veio em outro momento. Então, ao lado daquelas ideias linguísticas interessante sobre como recuperar e manter uma língua em uma situação cultural como a nossa, havia o nosso pensamento tradicional também. E, embora isso tenha tido um impacto importante no desenvolvimento do nosso currículo, fomos muito cuidadosos em não jogar fora o que já tinha sido feito ao trazer essas novas ideias. Analisamos profundamente como aquelas ideias realçariam o que já tínhamos feito aqui, não somente para nos certificarmos de que não havia nenhum conflito com os nossos valores tradicionais, mas também para determinar o que nos pertence e o que veio de fora. Quando você vem de um processo de colonização, é muito importante tentar determinar o que pertence aos nossos valores tradicionais, a visão de mundo tradicional dos nossos ancestrais e o que temos assumido como resultado do processo de colonização. Algumas vezes não sabemos as respostas, mas devemos tentar e fazer nosso melhor. Eu lembro que Bernard Spolsky fez o comentário que embora as crianças estivessem falando Māori, à distância eles pareciam estar falando inglês, implicando que, de certa forma, seguiram os padrões da pronúncia do inglês. E isso nos desafiou a considerar como o inglês ainda estava dominando. E sim, quando tivemos nossos filhos que vêm de uma área rural mais tradicional, definitivamente notamos que sua pronúncia difere daquela das crianças mais urbanas.

Chang Whan: Então, Brenda, por que é que *Mana Tamariki* é tão especial?

Brenda Soutar: Eu acho que uma das nossas particularidades é o critério de entrada, que estabelecemos desde o início que as crianças tinham de ter pelo menos um de seus pais falando consistentemente em Māori com elas, em casa. Então, quando nosso *Kohanga* celebrou o 25º aniversário, a comunidade decidiu fortalecer ainda mais esse critério de entrada, estabelecendo que ambos os pais agora teriam que falar com suas crianças na língua Māori, em casa. E continuamos a ter matriculas! Penso que isso é realmente único porque é bastante difícil criar uma comunidade onde todos tenham esse nível de comprometimento. Da forma como a maioria dos ninhos linguísticos foram estabelecidos na Nova Zelândia é muito comum que as crianças venham e falem Māori na escola, durante o dia, mas, depois vão para casa e falem somente inglês ou uma mistura. Mas realmente o que temos ensinado a partir de Joshua Fishman é que é a família e somente a

família é que pode, de fato, regenerar e revitalizar a língua. Não importa quão especial seja a escola, o idioma deve ser transmitido dos pais às crianças. Então, esta é realmente uma parte única de quem somos aqui na *Mana Tamariki*.

Chang Whan: Como você sabe, a Márcia aqui é uma linguista e uma falante nativa de Kaingang. Educação infantil não é um campo que tem sido muito privilegiado no Brasil. Qual seria o seu conselho para ela sobre o processo para criar um ninho de língua Kaingang?

Brenda Soutar: Eu sei, educador infantil é quase babá... risos... Na verdade essa tem sido nossa jornada também, aqui em *Aotearoa*, Nova Zelândia. Apesar de ter nosso currículo de reconhecimento mundial, o *Te Whariki*, se você olhar para a forma como a educação é financiada na Nova Zelândia, a educação infantil é a menos financiada. Eu penso que uma nação mostra onde coloca seus valores pelo que financia. Então, eu acho que estamos ainda lutando com isso também. Temos que promover professores como pesquisadores e educadores infantis qualificados e não como babás de luxo. Uma das coisas mais importantes que eu tenho aprendido é ter fé em nossas próprias tradições culturais. A colonização cria esse medo de que nossas culturas indígenas não sejam boas o suficiente. Quando você assume esta posição de fé total nas crenças e visões de mundo de seus ancestrais, então essa é a base para o currículo e tudo o mais vai encaixar no seu lugar. Desse modo, agora que as nossas crianças estão se tornando adultos e têm seus próprios filhos, eu posso ver que sendo educados dessa maneira, eles são muito abertos para novas ideias. Foi difícil para nossa geração porque nossa própria cultura e língua tinham sido invisibilizadas para nós. Mas quando as crianças já vêm crescendo totalmente à vontade com o que eles são, quando elas se deparam com outras formas de ser e fazer, elas se sentem muito confortáveis. Elas se sentem muito calmas e em paz, estão mais abertas para aprender qualquer coisa.

Marcus Maia: Brenda e Manu, eu tenho estado envolvido com educação indígena no Brasil por pelo menos três décadas e um cenário comum lá é que muitas escolas indígenas começam baseados nos valores tradicionais culturais e nas línguas indígenas, mas acabam, ao longo do processo, sendo assimiladas nas práticas não indígenas da educação convencional. No entanto, tendo visitado tanto escolas Māori quanto jardins de infância, convencionais aqui na Nova Zelândia e conversado com os professores desses lugares, eu tenho tido a impressão de que aqui, está acontecendo o contrário, quero dizer, o currículo *Te Whariki*, sendo tão bem estruturado enquanto filosofia e programa, parece ter impactado mesmo as escolas convencionais. Essa é uma impressão correta?

Brenda Soutar: Sim, eu diria que sim, Marcus. E esse documento curricular, o *Te Whariki*, é o motivo disso. Minha visão pessoal é que a educação infantil Māori está à frente do resto do sistema. Temos participado de reuniões nacionais de educação infantil e, nesses eventos, é comum vermos todo mundo, Māori e não Māori, levantarem todos juntos e cantarem em Māori. Mas, talvez, apesar disso, avalio que o nosso sistema escolar indígena, o *Te Whariki*, ainda assim não é tão forte como poderia ser, em algumas das escolas convencionais.

Márcia Nascimento: O Brasil tem um sistema muito burocrático de qualificação e acreditação de professores e há muitos professores não indígenas nas escolas indígenas.

ECO-REBEL

É uma situação muito difícil. No meu caso, por exemplo, lutamos por uma educação Kaingang real, mas há muitas dificuldades impostas pelo sistema. Eu gostaria de ouvir de você como é esse processo aqui.

Brenda Soutar: Eu percebi isso quando eu viajei para os Estados Unidos nos últimos anos e eu percebi que há todos esses regulamentos e dificuldades, desafios e barreiras, como um resultado da cultura do medo, onde as pessoas temem as consequências, se elas não aderem estritamente aos processos regulatórios. Eu acho que isso foi um caminho verdadeiramente difícil também para nós aqui. Mesmo antes de 1982, quando o primeiro ninho de língua foi estabelecido, havia muita inquietação, protesto e frustração, particularmente para aqueles jovens Māori daquele tempo, nos anos sessenta e setenta. Então nossos velhos vieram juntos e basicamente guiaram o estabelecimento da pré-escola, como uma forma para recuperar a língua. Mas é realmente importante que, enquanto você está aqui neste prédio maravilhoso, deve lembrar que, naquela época, isso era apenas esse grande sonho. Nós começamos em prédios muito humildes, nada elaborados. Realmente o que eu posso dizer é que é preciso fé forte e compromisso, persistência. O prédio é apenas um prédio, mas você precisa de um núcleo de pessoas que se apeguem aos valores em que acreditam. Como há sempre muitas pessoas não indígenas como parte do processo, você tem que encontrar uma forma de construir um relacionamento. Aqui mesmo na Nova Zelândia é assim. Para nós, todos podem pertencer

à nossa cultura, participar dos nossos valores. Se aquela pessoa é Pakiha, mas é mãe de crianças Māori, nós vamos encontrar uma forma para incluí-la. No entanto, na minha opinião, as pessoas que lideram o movimento, estão na direção tem que ser da genealogia, porque de outra forma você não vai ter a os valores profundos de espiritualidade, a conexão com os ancestrais. No modo Māori, nós aprendemos fazendo, não só ouvindo história, então somente o seu povo pode fazer isso. Eu sei isso é uma luta difícil, mas de que outra forma nossos filhos saberiam que podemos fazer isso?

IV – **Manu Kawana, líder tribal e consultor cultural**



Picture 4 – Manu Kawana

Marcus Maia: Manu, podemos começar com você contando para nós um pouco do seu perfil linguístico e a história de como você se envolveu na educação Māori?

Manu Kawana: *Ka pai, Te na Kou Tou!* Bem, tem sido uma jornada muito longa. Na minha infância, meus pais falavam a língua. Meus avós, de ambos os lados, também falavam *Te Reo Māori*. Nós éramos oito meninos e três meninas e fomos criados em torno

da cultura. Estávamos sempre ouvindo a língua sendo falada, embora meus pais não falassem conosco em Māori, na conversação do dia a dia. Nós estávamos muito familiarizados com o idioma que era falado na *Marae*⁴. Minha real introdução para vir realmente falar a língua Māori foi na escola secundária. Eu já era um bom ouvinte naqueles dias. Eu tive um professor particular na escola que me inspirou a também me tornar um professor. Ele realmente foi ótimo, ele nos encorajou muito e nos apoiou de todas as formas. Ele nos deixava aprender no nosso próprio ritmo, não nos sobrecarregava com coisas demais ao mesmo tempo. Mas só foi quando eu estava nos meus vinte e poucos anos que eu realmente comecei a reconhecer o fato de eu ser Māori. E isso foi quando eu decidi assumir por mim mesmo a utilizar o que eu já tinha. Eu, então, passei a me envolver mais profundamente com meus ambientes culturais Māori, tanto quanto pude e me envolvi com meu idioma tanto quanto pude também. Naquele momento, havia muita coisa que eu não entendia, mas eu mudei a partir daí. Uma vez que eu consegui atingir um domínio razoável do idioma, a próxima coisa que eu sei, foi que, nesse movimento, conheci minha esposa, que é Māori também, tivemos nossos filhos e tomamos a decisão de que eles aprenderiam a língua. Nossos primeiros dois filhos estudaram em uma escola de imersão total. Os outros cinco filhos também passaram por *Kohanga Reo* e *Kura Kaupapa*.

Marcus Maia: Então você chamou para si esse papel de educador Māori. Você poderia nos contar mais sobre isso?

Manu Kawana: A configuração *Kura Kaupapa* foi muito importante. De onde eu venho, eu tive essa perspectiva tradicional. Eu tinha aprendido sobre os primeiros missionários, cristandade e tudo aquilo, mas eu tenho sido sempre um Māori tradicional. Nós já estávamos aqui antes dos missionários chegarem e eu decidi que queria estar nessa *waka*⁵ e remar essa *waka*. Tenho trabalhado em outros lugares onde nossa língua é a chave também, mas especialmente na *Mana Tamariki* eu tive a oportunidade para compartilhar o conhecimento tradicional com os *tamariki*, as crianças, e manter todas as cerimônias tradicionais e rituais. Meu filho de 23 anos foi estudante na *Mana Tamariki* e ele agora trabalha para a televisão Māori, em Auckland. Ele está indo nessa direção também, trabalhando para manter nossa língua e cultura. É bom poder ver que o conhecimento que você tem transmitido a sua família e filhos ou a quem quer que seja é algo que é valorizado e floresce. Isso me inspira muito mais para continuar meu trabalho de compartilhar nossas tradições, não somente aqui, mas em muitos outros *Wananga*, locais de ensino superior de aprendizagem também. Tem sido uma grande jornada e eu estou contente, estou nessa *waka*.

Chang Whan: Você também trabalha com os pais das crianças que vem para a *Mana Tamariki*?

Manu Kawana: Não temos sessões especiais para os pais, mas os pais são sempre encorajados a participar e vir aproveitar as atividades que fazemos aqui, as cerimônias tradicionais no jardim e outros.

⁴ *Marae* é um espaço tradicional comunal Māori dedicado a propósitos sociais e religiosos.

⁵ A *waka* é a canoa tradicional Māori.

V – Dianne Pomare



Imagem 5 – Dianne Pomare

Dianne Pomare é diretora do *Te Kura Kaupapa Māori o Nga Maungarongo*, uma escola Māori em Auckland, Nova Zelândia. Ela tem estado envolvida nos programas de educação Māori por vários anos.

Marcus Maia: *Kia Ora*, Dianne, você pode nos contar sua história?

Dianne Pomare: Eu era uma garota na década de 1970, quando começamos a grande luta para a sobrevivência do *Te Reo*. Naquele tempo, eu recordo, não havia nenhum programa Māori na televisão. Havia um programa de rádio, talvez, e só isso. A única iniciativa relacionada à educação Māori era a de levar adiante a ideia de que os Māori deveriam falar e escrever em inglês. Então, muitos dos nossos pais foram colonizados. Eles não acreditaram que o *Te Reo* Māori fosse um benefício. O povo branco na Nova Zelândia dizia que devemos aprender mandarim, japonês ou espanhol, porque eram línguas que valiam a pena estudar. Eu lembro uma vez que fui à TV da Nova Zelândia com um grupo para pedir espaço para o programa de TV Māori e eles nos perguntaram “e sobre outros grupos minoritários aqui?” Eles não tinham qualquer ideia sobre as diferenças entre as línguas que vieram de outros países e a língua indígena Māori. No entanto, houve um grande impulso dos ativistas Māori, marchas por território e também pela cultura e e pela língua. Havia diversos grupos protestando e, finalmente, em 1975, uma petição pelo *Te Reo Māori* foi levada para o governo, em Wellington. Também, naquele tempo, houve um impulso para iniciar o *kohanga reo*. O movimento *kohanga reo*, na realidade, começou em Wellington, em 1981. Eu estava vivendo no Norte e nós também começamos por lá em 1983. Meus filhos foram para o *kohanga reo* assim que iniciou. As babás falantes da língua vieram e começaram a alimentar *Te Reo* para as crianças e também para os pais. Mas elas não podiam ficar na escola o dia todo e o governo impôs condições, que elas tinham que estar envolvidas das 9 horas até as 3 horas, como condição para que tivéssemos financiamento. Isso se tornou problemático porque as babás podiam ficar somente até a hora do almoço. Acho que você precisa ser muito cuidadoso quando você envolve financiamento governamental nessas coisas. Por um lado, você ganha o dinheiro, mas por outro lado, são impostas condições, que você pode gostar ou não.



Imagem 6 - Te Kura Kaupapa Māori o Ngā Maungarongo, em Auckland, NZ.

Marcus Maia: E sobre as escolas fundamentais e médias, as *Kura Kaupapa*?

Dianne Pomare: O mesmo aconteceu com as *Kura Kaupapa*. Agora, felizmente, acabamos de ter uma mudança de governo aqui na Nova Zelândia, e o novo governo deve derrubar essas coisas chamadas “padrões nacionais” que o governo conservador anterior tentou forçar-nos a fazer. Nosso movimento *kura kaupapa* resistiu a isso.

Chang Whan: Quantas escolas iguais a sua há na Nova Zelândia?

Dianne Pomare: Há 54 escolas *kura* na Nova Zelândia. E tem outras *kura* que estão sediadas nas tribos, cerca de 15 escolas. Então tem escolas que são unidades bilíngues, mas as melhores são as escolas de imersão total. Eu não acredito em escolas bilíngues.

Chang Whan: As escolas convencionais não-Māori na Nova Zelândia ensinam *Te Reo Māori*?

Dianne Pomare: Eles não são forçados a isso. Havia um projeto baseado no Tratado de Waitangi, mas não foi aprovado. Embora o Māori seja uma língua oficial não é obrigatório ensinar a língua nas escolas não indígenas.

Chang Whan: E se alguém que não for Māori quiser matricular seus filhos aqui, você aceitaria?

Dianne Pomare: Sim, claro. Não se trata de raça ou coisas do tipo. Se alguém acredita no nosso sistema, nossa filosofia, é muito bem-vindo. Recentemente, recebemos crianças de uma família americana que vivia em Auckland. Tivemos também uma vez uma criança de Tonga, uma ilha não muito distante da Nova Zelândia.

Marcus Maia: Dianne, com base na sua experiência, que conselhos você poderia dar para os povos indígenas no Brasil que gostariam de desenvolver seus próprios programas de ninho de língua?

Dianne Pomare: Bem, em primeiro lugar, eles precisam controlar suas terras. Se você possui a terra, você está à meio caminho. A outra coisa é que você deve sempre estar consciente do meio ambiente. No nosso caso, o mar e a floresta, e provavelmente para vocês também. Nós temos sorte aqui na nossa escola, porque apesar de estarmos em um ambiente urbano, estamos perto do oceano e das áreas verdes. As crianças devem sempre ter acesso a essas áreas naturais, como seus ancestrais tiveram. Você deve sempre ser capaz de ensinar para as crianças coisas que são importantes para as culturas deles e você tem que pensar bem como você vai fazer isso.

Chang Whan: Qual é a situação de vitalidade da língua aqui?

Dianne Pomare: Bem, na verdade, as crianças falam *Te Reo* na escola, mas não tanto em casa. Nem todos os pais falam em casa. Tem um compromisso que eles são solicitados a fazer quando eles entram aqui, mas eles realmente não seguem. Então nós estamos trabalhando com eles de modo que pelo menos falem com seus filhos em Māori uma hora por dia. Se nós realmente queremos que essas crianças aqui acreditem que o *Te Reo Māori* é algo importante, então não pode ser apenas entre 9:00h e 15:00h. Quando eles vão para casa, as crianças não devem traduzir tudo o que eles fizeram aqui em Māori para seus pais, em inglês. Eles não podem ter que desligar um mundo e então ir para outro. Não é o caso, naturalmente, daqueles de nós que pertencem a uma família que tem estado falando Māori por três gerações tal como minha família. Minhas crianças estudaram aqui e falam Māori, meus netos estudaram aqui e falam Māori. E digo que se você quer que o *Te Reo Māori* sobreviva, você precisa pelo menos de três gerações falando a língua. Eu acabei de chegar de Fiji, na última semana. Fiji também foi colonizada pelos britânicos há muito tempo atrás, no século 19, e eles somente tornaram-se independentes em 1970. O inglês é ensinado nas escolas deles e eles ainda falam Fijiano entre eles o tempo todo. Lá, os Fijianos são a maioria da população, há ainda um imenso número de povos originais, enquanto que aqui, o Māori é a minoria. Então nós temos que continuar traduzindo entre Māori e inglês o tempo todo. É uma situação artificial, mas é a única coisa que podemos fazer. No entanto, há também casos como o da minha neta. Ela estuda aqui nesta escola e fala somente Māori.

Chang Whan: Verdade? Ela não fala Inglês?

Dianne Pomare: Na verdade não. E nós encorajamos isso. Ela fala Māori fluentemente e nós não expomos muito ela ao inglês. Na nossa família, nós não expomos as crianças ao inglês pelo menos até os quatro ou cinco anos. Esta é a melhor maneira para manter a língua indígena realmente viva. E mais tarde, eles vão aprender inglês, de qualquer maneira. Está em toda parte, eles não vão perder o inglês. **Marcus Maia:** E sobre escrever em Inglês?

Dianne Pomare: Então, a escrita pode, realmente, ser problemática em relação, por exemplo, à ortografia, mas nós temos aulas de inglês aqui. **Marcia Nascimento:** Em que ano começam as aulas de inglês?

Dianne Pomare: as aulas de inglês começam quando as crianças estão com cerca de 9 anos de idade, na 5ª série. Então eles têm inglês duas horas por semana, isso é tudo. Eu sou professora de inglês, assim como eu também ensino em Te Reo e minha filosofia é a de que devemos fazer assim, porque não é mesmo um problema, 99% das crianças acabam ficando com o inglês também. E os poucos que têm lutado para aprender inglês, esses também serão os que têm que lutar para aprender Māori. Então, nós somos muito rigorosos aqui nesta *Kura* sobre não falar inglês. Há outras escolas que ensinam Māori ao lado do Inglês o tempo todo. Eu não acredito nesta abordagem. Essas aulas bilíngues não funcionam! Eles acabam não aprendendo nenhuma língua devidamente. Imersão total para as línguas indígenas é a abordagem que realmente funciona. Tem que ser tudo ou nada. Isso é porque precisamos focar no ensino do Māori. Na Nova Zelândia, o que você encontra algumas vezes é que mesmo pessoas que são muito fluentes em Māori tendem a ser preguiçosas e ficam falando muito em inglês. O Inglês é muito dominante aqui. Pessoas que poderiam falar em Māori umas com as outras tendem a trocar para o inglês.

É uma verdadeira luta. É um grande desafio para nós, muita colonização. **Marcia Nascimento:** Esse é um grande desafio para nós também, em Kaingang. **Dianne Pomare:** Quantas pessoas vocês estão tentando ajudar a falar sua língua? Vocês estão falando sobre centenas, milhares de pessoas? Em qualquer caso, não importa quantas pessoas, sua principal tarefa é a de fazê-los acreditar no fundo de seus corações que isso é uma coisa boa. Não há com sua língua sobreviver sem isso. Isto é o mais importante. Eles devem acreditar que sua língua nativa é da terra, do céu, das florestas. Os jovens tendem a tomar isso como garantido e é nosso dever lembrá-los.

VI – Kiriana Hakopa

Kiriana foi aluna na *Te Kura Kaupapa Māori o Nga Maungarongo*, em Auckland, onde ela agora é professora. Ela nos convidou para visitar a escola dela e nos deixou essa linda mensagem e canto que se pode assistir no vídeo.



Vídeo: Kiriana Hakopa fala e canta
<https://youtu.be/ntbp-QOAljM>

VII – Considerações finais

As quatro entrevistas apresentadas aqui devem permitir ao leitor formar uma visão ampla dos esforços de revitalização da língua e da cultura realizados na Nova Zelândia nas últimas décadas. Toni Waho, Brenda Soutar, Manu Kawana e Dianne Pomare pertencem à geração que assumiu o desafio da manutenção da linguagem e da cultura, com a paixão revolucionária, a "loucura", como diz Toni Waho, que permitiu deter a extinção da língua Māori em Aotearoa, Nova Zelândia. A emoção que decorre das palavras e cantos de Kiriana Hakopa, a jovem professora que estudou na Kura Kaupapa em Auckland, é prova viva de que o fogo da paixão pela língua e cultura Māori ainda está bem aceso. Esperamos que essa paixão inspire os falantes das muitas línguas ameaçadas no mundo a nunca desistir de lutar pela sua língua e cultura e, em última análise, pela sobrevivência da diversidade na terra. Como diz Brenda Soutar, é uma luta difícil, mas de que outra forma nossos filhos saberiam que podemos fazê-lo?



Picture 7

Marcia Nascimento, Marcus Maia e Chang Whan na *Mana Tamariki*, o ninho de língua e escola Māori em Palmerston North (imagem 7). Os autores com Kiriana Hakopa na *Te Kura Kaupapa Māori o Nga Maungarongo*, em Auckland (imagem 8), outubro de 2017.



Picture 8

Referências

BERARDI-WILTSHIRE, A.; PETRUCCI, PETER; MAIA, MARCUS. Revitalização de língua indígena na Nova Zilândia: o caso exemplar das escolas do povo Māori. *Cadernos de Educação Escolar Indígena*, v. 12, p. 11-32, 2015.

MAIA, M; BERARDI-WILTSHIRE, A. An interview with Hinurewa Poutu Māori. *Revista Linguística UFRJ*, v. 11, p. 14-21, 2015.

Te Kohanga Reo National Trust Board. <https://www.kohanga.ac.nz/>

Recebido: 20/12/2017.

Reformulado: 01/02/2018.

Aceito: 05/02/2018.

Ecolinguística: Revista Brasileira de
Ecologia e Linguagem (ECO-REBEL), v. 4, n. 1, 2018.